

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE. — Historia dos sete dias; José do Egypto. — Politica e politicos; Petit-Pitt. — O Brazil e os brasileiros; Ylang-Ylang. — «Sub parva lucerna», soneto; L. Delfino. — Gazetilha litteraria. — Ao Correio Geral. — Alfarrabios; Ignótus. — Beijos sem perigo; Peff. — A Duse-Checchi; F. d'Almeida. — Theatros. — Cofre das graças; Bibiano. — O Sr. Visconde de Corrêa Botelho; Marcos Valente. — Questão interessante. — Bellas-Artes; A. Palheta. — Trilogia da vida; S. de Souza Junior. — Factos e noticias. — Recebemos. — Correio. — Tratos á bola; D. Pastel. — Anuncios.

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atraso o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no preço: ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500. se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pertenceu a semana quasi exclusivamente ao sport e á opera lyrica, a cavallos e cantores.

Decididamente são estas as duas maiores paixões do publico fluminense.

Ora, na semana transacta houve a grande corrida do Jockey-Club, a corrida do grand prix. (Não sei porque, mas estas banalidades em francez têm uma graça!...) e a estrêa da companhia lyrica de mestre Ferrari.

Até quinta-feira, dia em que ella es-

trôou, a população fluminense vibrou, fremio, febricitou nas sensações que lhe deixaram as corridas de domingo.

Nos bondes, nas cazas de familia e de commercio, nos botequins, em toda parte discentiam-se, mais ou menos calorosamente, a victoria de Damiatta, e a derrota de Taillefer. Os que perderam com este e com os outros apostrophavam... não as patas indignas do pobre Taillefer e dos seus infelizes collegas, mas a honestidade dos jockeys, a imparcialidade dos juizes e o proprio Deus que os não protegeu. Modos, mais ou menos decentes, de chorar o bello dinheiro perdido.

E quanto não andou ali, a rôdo, a galope, a vôo de... cavallo, quanto!

Que jogatina desenfreada!

Tratando-se de cavallos, creio que desenfreada é o termo.

E dizem que não ha dinheiro, que o cambio está detestavel, que o gyro dos capitães na praça é diminutissimo, que muitas casas commerciaes, importantes e fortes na apparencia, estão proximas do ponto e da quebra; emfim, um horror financeiro!

Entretanto, quem quizer ver dinheiro em abundancia, dinheiro aos pontapés, ou antes: aos sopapos, vá ás corridas, ás casas do barato, ás batotas mysteriosas e ao theatro Pedro II em noites de Lyrico. Neste ultimo sorvedouro não verá o dinheiro na sua forma privativa, característica, em notas do Banco do Brazil ou do Thesouro; mas vel-o-á, em quantidade assombrosa, nas seguintes especies: — sedas de Lyão, velludos de Utrecht, rendas de Malines, de Chantilly e de Inglaterra, luvas de 12 e de 24 ou mais botões, joias do Farani e do Luiz de Rezende, chapéus da Notre Dame, leques, fitas, flores... em summa: todas essas custosissimas toilettes com o seu complemento de diamantes e ouros e pedrarias e frandulagens, que custam os olhos das caras aos maridos e aos paes.

Mas principalmente o verá representado no preço, fabulosamente arruinante, dos camarotes (700\$ e 600\$—12 recitas!) e das cadeiras (140\$000!)

Não, meus caros senhores, não é dinheiro que vos falta, é juizo. Se elle, o dinheiro, anda escasso nas transacções da Bolsa, se não comparece nos dias em que devia, aos pagamentos determinados, occasionando protestos de credores e de letras (que são um pouco peiores) se falha aos senhores, aos fornecedores de toda a especie de generos, se muitas vezes não apparece para a compra do pão vosso, de cada dia, é porque corre todo para o jogo, em suas mil variedades: — voltarete, corridas, lausquenete, loterias, roleta e outras e outras... porque é preciso tel-o, invental-o, fazel-o, a todo custo, para ter camarote no Lyrico, e quanto mais caro, menos dispensavel. Lyrico, quand même! E' moda, é chic: — é tão necessario, tão...

mais necessario do que o pão para a bocca!

Quantas fomes, quantas lagrimas, quantos desesperos, quantas idas ao prégo, quantos furtos, quantos suicidios não custará cada dô do peito do Tamagno, cada volata da garganta rouxiuolina da Borghi?

Curiosa estatistica a fazer-se.

Seja porém como for, o que é certo é que—arrebentado ou por arrebentar—esta imperial cidade está—se regalandando!

Pois, regala-te, imperial cidade, regala-te.

E se amanhã encontrares a guela da miseria ou a bocca de uma pistola... aguenta-te, minha velha:—o que é por gosto regala a vida.

Muito interessante, muito curiosa, muito engraçada a historia do roubo no consulado portuguez.

Desappareceu d'elle dinheiro, uma grossa quantia, sem vestigios de arroubamento.

Quem foi? quem não foi? Pega, cerca, mexe, remexe... Vem de Portugal um especialista examinar a escripturação do consulado; morre o especialista. A policia abre inquerito e pesquisas; um inquerito umas e pesquisas, serias apertadas e mysteriosas—sobretudo mysteriosas, como todos os diabos. Não havia meio de se descobrir nada do que passára e passava lá por dentro.

Silencio sepulchral!

Afinal, depois de 5 mezes de pesquisas e de inquerito, apresentou o Dr. 1º delegado, encarregado d'essa deligencia, o seu relatorio, que é longo e bem redigido, mas que nenhum raio de luz veio trazer ao obscurissimo caso. E tanto, que o Dr. 2º promotor publico requereu descessem novamente os autos para que a auctoridade policial recommencesse as suas deligencias, pois que o resultado das primeiras foi simplesmente—zero.

Mais cinco mezes de investigações: depois dos quaes apparecerá novo relatorio—tão minucioso como o primeiro, mas, em compensação, muito mais obscuro.

A honra dos empregados do Consulado Portuguez—no entanto—continúa sob o peso de uma terrivel suspeita, que este silencio feroz, e inexplicavel de modo honroso, agrava singularmente.

Fale o Sr. barão de Wildick em defeza da honra da importante repartição de que é chefe, já que a Policia não pôde ou não quer abrir o seu discreto biquinho a respeito.

Calado tambem não pôde ficar o escandalo do Sr. Callado, nosso ministro em Roma.

No dia 19 rebentou aqui esta terrivel

noticia, transcripta do *Diario* das ditas de Lisboa pela nossa *Gazeta* das sobre-ditas:

ESCANDALO DIPLOMATICO

Lê-se no *Diario de Noticias* de Lisboa: « Diz um despacho telegraphico de Roma para o *Imparcial*, de Madrid, que o Sr. Callado, ministro do Brazil, naquella capital, foi sorprendido a fazer trapaças no jogo. A direcção do club, depois de muitas vacillações e apezar da gravidade do acto, resolveu expulsar o ministro. O escandalo foi logo sabido de toda a Roma. A corte, em vista d'isso, resolveu tambem excluir o Sr. Callado do banquete diplomatico celebrado em honra dos representantes estrangeiros na conferencia internacional sanitaria. O governo do Brazil teve logo conhecimento do facto, e exonerou o ministro, ficando o secretario da legação encarregado dos negocios. »

A muitos, tão grave é o facto, pareceu falsa semelhante noticia.

Infelizmente não o é. Lemol-a circumstanciadamente no *Secolo*, de Milão e no *Il messaggero*, de Roma. De resto, ella foi dada e commentada por quasi toda a imprensa italiana e franceza.

Eis, segundo a narração daquelles jornaes, como se passou o tristissimo facto:

E' o caso que na sala de jogo do *Circolo della Caccia*, havia de ha muito serias suspeitas de que um dos mais notaveis e assíduos frequentadores da casa fazia trapaça ao jogo, tal era a sua felicidade.

O suspeitado ganhava sempre, sempre, como se possuísse o privilegio de uma fortuna constante, estranha, inexplicavel; no seu jogo havia qualquer cousa de maravilhoso, como se elle tivesse o dom de adivinhar as cartas que estavam nas mãos dos parceiros.

Aos demais frequentadores da casa repugnava acreditar que um homem tão altamente collocado descesse tão baixo.

O director do *Circolo*, conde Antonelli, e mais alguns companheiros resolveram observar detidamente a felicidade do ministro brasileiro, e chegaram a verificar com toda a certeza que havia trapaça no seu jogo.

Averiguado o facto, reunio-se o conselho de disciplina do circulo, e, sentados os seus membros á volta da mesa, esperaram calmos e impassiveis o ministro brasileiro. Quando este appareceu, o conde Antonelli ergueu-se e disse-lhe pausadamente:

— Nesta casa, no meio de gentis-homens, escondia-se um tratante; temos as provas de que este tratante sois vós. Sem palavras e sem escandalos inuteis, damos-vos 48 horas para vos retirardes de Roma.

O accusado fez-se de mil côres, balbuciou algumas palavras, e todo tremulo, mas com a maior solicitude, enfiou pela porta.

Quarenta e oito horas depois o Sr. Callado sahia de Roma e por esta simples razão não ponde assistir ao jantar diplomatico no Quirinal, em honra dos membros da Conferencia Sanitaria, para o qual havia sido convidado. »

O governo, a um deputado que lhe pediu informações sobre esse vergonhoso facto, perguntando-lhe qual a razão de haver sido o Sr. Callado transferido da legação da Italia para a de S. Petersburgo, respondeu que ainda não tinha noticia nenhuma de character official.

Em todo caso, é exquisito que o governo, ao saber desse medonho escandalo, em que naufraga com a honra do Sr. Callado a do paiz que elle repre-

senta, em vez de chamal-o aqui, a contas, ou de demittil-o (o que seria mais natural e mais decente) — o transferisse para a legação de S. Petersburgo; é realmente exquisito.

E agora, se o governo russo se recusar a receber o Sr. Callado, que lhe vae de Roma, infamado, coberto de vergonha? que fará o nosso governo? Roerá silencioso mais essa affronta?

Damos os parabens á patria por mais este acontecimento, que a cobre de... gloria.

Toque-se o hymno!

José DO EGYPTO.

A felicidade existe num lugar aonde ninguem foi; alguns ha, no emtanto, que julgam ter de lá voltado.

A. HOUSSAYE.

POLITICA E POLITICOS

seu projecto—o calmante milagroso, grande panacéa—é uma traidora hatoeira, armada ao preto descuidoso, perturbando-lhe os ferros, e a lavoura inquietada, com amor, tranquillisando. Visado foi por mão conservadora, vos cascudos apoio mendigando.

Já não nos resta duvida nenhuma: o projecto Saraiva ha de vencer, as discussões galgando, de uma a uma; ue o Paulino—Figueira assim o quer. ma victoria tal não honra: infama, nda que o heróe virtudes mil resuma; as, emfim, que fazer? Chorar na cama...

Não te falta coragem, nem tam pouco eloquencia, Joaquim, que te põe rouco radando contra a escravagista grey; ma e outra; porém, já são baldadas om certeza, pois são favas contadas: o projecto—Saraiva ha de ser lei.

e todos os politicos do mundo ssim como este fossem da Pojuca, reunido ao seu saber vasto e profundo sua honestidade, que embatuca, infelizes politicos! Coitados!... vejam:—Da Honestidade esta perúca calva ineptia occulta aos...enganados.

PETIT PITT.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA

I

« Meu caro Luiz.—Finalmente! exclamarás, com alegria, ao receberes esta, ahi, na minha materna Pekin, infinitas leguas longe de mim e do teu Brazil. Sim, finalmente, desimpegno a minha palavra. Escrevo-te, principio a escrever-te ácerca do teu paiz e dos teus patricios, que não conheces.

Que estranha cousa, ein?... ser um chinez quem haja de te apresentar a tua terra e os teus conterraneos!

Se não fosse a certeza que tenho da amisade com que me distingues e da confiança que depositas na minha exactidão de observador e na minha imparcialidade e isenção de critico e juiz, dou-te a minha palavra que nenhuma te diria sobre o Brazil e os brasileiros.

Bem sabes que não é a censuvel comichão de criticar, de exhibir-me censor e mestre que me traz a te escrever as cartas que hoje enceto.

Bem sabes que obedeço aos teus instantes e frequentes pedidos.

Aqui tenho, por acaso, uma d'essas cartas; arregaço-lhe com a ponta da penna uma das dobras e leio estas palavras:«...e somente você, meu Ylang-Lang, poderia fazel-o. Faze-o, pois; conta-me, pinta-me, escreve-me, dá-me a minha patria e os meus patricios; mas olha:—quero-os taes como elles e ella são realmente, em toda a flagrante exactidão da verdade.»

Já agora, desdubro a pagina e continuo a ler:

« Quando deixei o Brazil não tinha ainda dois annos e hoje tenho vinte e oito. Meu pae, em consecuencia de haver vivido quasi toda a vida no Estrangeiro, um pouco em cada paiz,—mas em qualquer d'elles sempre mais do que no seu, que é tambem o meu... (Curioso effeito da carreira diplomatica: despaiza, desnacionalisa o individuo, á força de fazel-o representar o seu nos paizes estrangeiros!)—meu pae é um pouco francez, um pouco hespanhol, um pouco inglez, um pouco italiano, um pouco mongol, um quasi nada russo, muito portuguez, mas pouquissimo... brasileiro! Minha mãe, como sabes, é suissa do Brazil,—onde esteve trez vezes, mas de todas mui pouco tempo,—apenas guarda trez recordações:—Petropolis, com os seus deliciosos queijos e a sua manteiga fresca, que tanto lhe lembravam a manteiga e os queijos da sua querida terra; a bahia do Rio de Janeiro, com o seu panorama bellissimo e a magestosa entrada da barra e o celebre Pão de Assucar, espectáculo sublime, a que frequentemente se refere, exclamando, com os olhos humidos e as mãos postas: *Charmant! Merveilleux! Très beau, très beau!*, finalmente, Mme. Durrocher, a classica, a eterna parteira, por quem tive a honra de ser recebido ao entrar no mundo e competentemente esfregado, lavado e vestido para este baile de doidos que se chama—a vida.

Tambem ella, a minha boa e velha *maman*, não me pôde dar informações sobre o Brazil, como eu as desejo:— completas, verdadeiras, imparciaes.

Recorro a ti, meu bom Ylang-Lang,—a ti, a quem devo não odiar a China, ou antes: a quem deve a China o não odial-a eu,—a ti, que és um sublime espirito e um coração fiel.

Conheces o meu paiz melhor do que eu conheço o teu.

Resides n'elle ha dez annos.

Sim, ha dez annos que nos separámos em Paris:—eu, tendo terminado os meus estudos e alcançado o meu baccalaureato, para acompanhar meu pae á China e ajudal-o no consulado; tu,—bacharel como eu, porém mais feliz do que eu—para ir vér mundo, para viajar, para conhecer a America, a grande, a formosa America, donde se espera o sol da Liberdade e da Redempção d'este velho mundo caduco e decrepito, apodrecido pela syphilis e pela politica... internacionaes.

Só tu podes fazer-me conhecer a minha patria e amal-a e desejal-a e servil-a...

Não me recuses, meu amigo, este grande favor, que é quasi uma esmola... Mas desde já te previno:—quero a verdade, somente a verdade. Nada me digas, se tens de enganar-me...»

Perdôa-me se te fiz lér grande trecho da tua propria carta. Em parte o fiz para provar com teus proprios documentos que não faço a critica da tua patria e dos teus patricios por petulancia de estrangeiro ingrato, mas para servir-te, como sincero e reconhecido amigo, que de ti me prêzo de ser; parte porque me deixei arrastar pelo encanto da tua prosa epistolar.

Trepidei a principio em satisfazer-te a vontade.

Duas razões aconselhavam-me a abstenção de semelhante empreza:— não

conhecer sufficientemente o Brazil para julgar-o sem receio de injustiça ou erro; e temer que a minha apreciação, por severa em demasia ou por pouco lisongeira—embora simplesmente justa—pudesse em teu espirito antipathia e desprezo contra o teu berço natal.

Mas, afinal, resolvi-me a contentar-te o desejo.

Vou dizer-te o que penso do Brazil e dos brazileiros, o que elles são aos meus olhos.

Já não temo que depois de me haveres lido, tenhas antipathia e desprezo pelo Brazil; serão outros os teus sentimentos para com elle; serão estes:—admiração e dó. Se a compaixão e o assombro pela tua patria te levarão a amal-a ou se a aborrecel-a, não o sei eu. Isso será contigo; e não me importa.

Sabes perfeitamente que sou chinês apenas porque nasci na China e adoro o arroz, e que o meu espirito, cultivado, educado na Europa, só tem de asiático um defeito:—a indolencia; mas que delle possui, em compensação, as qualidades melhores:—a pertinacia, a curiosidade, a ductilidade e a finura.

Conheces as minhas opiniões sobre os chinezes e sobre a China; e, portanto, fico tranquillo quanto ao modo porque me has de julgar na critica do teu paiz e dos teus patricios. Se por ventura estas cartas fossem publicadas—do que me livre o grande Buddha!—diriam muitos que o escuro que possa haver no meu quadro foi devido à repugnancia, à opposição que tem encontrado no Brazil a introdução dos koulis.

Tolice! Pois se eu mesmo sou contra ella—eu, filho do Celeste Imperio! Mas estas despretenciosas missivas não hão de ver a luz da imprensa, e tu, meu Luiz, não me farás tão inépta censura. Tranquilliso-me, pois. Tranquilliso-me e termino, por hoje.

Amanhan escreverei a segunda carta, em que, propriamente, encetarei o meu estudo sobre o Brazil.

E' provavel que recebas de uma só vez quatro ou cinco cartas; prefiro este meio porque elle me deixa descansar, meditando e escrevendo com calma, e não te fatigarás.

Não tratarei do Brazil physico. Fora impossivel dar-te das assombrosas bellezas naturaes do teu paiz uma idéa mais nitida e mais expressiva do que a que podes ter pelos innumerados livros, mappas, estampas e quadros sobre a natureza brazileira que ahí tens, em grande parte remettidos por mim.

Na proxima carta estudarei o Brazil moral, os habitos e costumes dos brazileiros, a sua indole, as suas qualidades boas e más, e procurarei dar-te os principaes traços característicos deste povo.

Nas seguintes apreciarei o Brazil—politico, o Brazil scientifico e industrial, o Brazil litterario e artistico etc...

Não tenho, a falar a verdade, um plano previamente delineado, methodicamente disposto.

Isto ha de ir ao correr da penna, ao sabor da corrente das minhas impressões e lembranças. Desculparás de certo o desalinho do estylo e as falhas da exposição pela verdade dos factos e justiça da observação.

E, isto posto, aqui me tens, dobrado pela cinta, com a cabeça curva, fazendo gyrar sobre ella os punhos fechados, dando-te o chin—chin.

Que Tong-Tché, o filho do Céu, te conceda arroz facil e saboroso, que te não caia sobre a cabeça a porta de Tchimen e que te não esqueças do teu antigo camarada do collegio S. Luiz.

Diz-te adeus, até à proxima carta o todo teu

YLANG-LANG.

SUB PARVA LUCERNA

Pauperis somni aula.

Sobre a commoda antiga o oratorio domina:

Ergue-se um Christo velho e mán, á cruz pregado

Áo centro: a um lado um santo: a Virgem de outro

lado...

Anda lá fóra—ao luar—um passaro, que trina,

Parca atampada doura o nicho.—'ma franzina

Creatura formosa e alegre, destrançado

O comprido cabello ao collo, inda se inclina,

E embala o berço a um louro anginho entreacordado.

E' moça;—e isto alvorça em festa o pobre asylo.

Um athleta, ao rir bom do seu olhar tranquillo,

Dorme, assim como o mar roncando num escolho.

E esse impalpavel corvo—a escuridão—crocita,

Sob as azas mettendo a alcova, em quanto o fita

A tenue luz pregada á sombra, como um olho.

LUIZ DELFINO

GAZETILHA LITTERARIA

LIVROS FRANCEZES

Eis resumidamente o movimento bibliographico francez, segundo os jornaes ultimamente recebidos:

HISTORIA

BAUDRILLART. — *Populations agricoles de la France.*—A primeira parte, unica publicada, d'esta importante obra trata da Normandia e da Bretanha. (Hachette.)

ALBERT SOREL. — *L'Europe et la Revolution Française.*—Esta obra, de notavel valor, divide-se em trez partes:—*Mœurs politiques et traditions en 1789; Chute de la royauté 1789—1792 e La Convention (1792 1795).*—Somente a primeira parte está publicada. (Plon. Nourrit.)

ANATOLE LEROY-BEAULIEU. — *Les catholiques libéraux, l'Eglise et le libéralisme de 1830 à nos jours.* (Plon. Nourrit.)

DE FALLOUX. — *Études et souvenirs; notices biographiques, discursos academicos de 1842 a 1884.* (Perrin.)

PAUL ALBERT. — *La litterature française au XIX siècle.* Tomo II. (Hachette & C.)

ROMANCES

ARMAND OCAMPO. — *L'éternelle antithèse.*

ALBERT CIM. — *Les prouesses d'une fille.*

EMILE GOUDRAU. — *La vache enragée.*

MARIO STUARD. — *Le roi des juifs.*

PHILIPPE TONELLI. — *Les amours corses.*

MARC CHAMPROIX. — *Louloute.*

GEORGE BOUTELLEAU. — *La Demoiselle.*

GUSTAVE VINOT. — *La marquise du Rozel.*

ALFRED COURMES. — *Jours d'amour.*

PAUL ALEXIS. — *Le besoin d'aimer.*

Estes trez ultimos romances, filiados á escola naturalista, apresentam leitura agradável e nada, mesmo nada, severa.

DIVERSOS

MARCELLIN PELLET. — *Livre du soldat français, manual de educação patriótica.* (A. Quantin.)

MARQUIS DE CHERVILLE. — *La vie à la campagne; 3º volume; trata das flores, dos fructos e dos legumes.* Os dois primeiros tratam dos animaes e do jardim.

PUBLICAÇÕES ANUNCIADAS

Entre muitos romances esperam-se os seguintes:—*Cora Jackson*, por Léo Montancey e Paul Marrot; *Les fantômes*, por Ch. Flor O'Squarr; *Histoire des bords de la Garonne*, Jules Mazera; *Sapajou, histoire d'un abonné de l'Opera*, por Paul Dhormoys; *Monsieur le Prefet*, por Georges Maurens; *La princesse rouge*, por Emile Blavet; *La terre du feu*, ultima obra do capitão Mayne-Reid, adaptada por A. Laurie, e outros e mais outros.

Les souvenirs de Saint-Cyr, por A. Teller, *Mélanges*, de Jules Quicherat, tomo II; o tomo V de *L'histoire de l'Allemagne*, por J. Zeller.

AO CORREIO

(SUPPLICA)

E' directamente ao Exm. Sr. Dr. Bertim Paes Leme, director do Correio Geral, que onsa *A Semana* erguer as suas queixas, esperando que S. Ex. as terá na devida conta.

E' o caso que fazendo-se toda a expedição postal da nossa folha para os assignantes da Côte, no sabbado, somente no domingo e na segunda-feira é que elles a recebem. Em geral as folhas são mandadas ao Correio antes das trez horas da tarde; podendo, portanto, apanhar a distribuição dessa hora; mas nem sequer a das cinco horas apanham, quanto mais aquella!

Esta irregularidade, só explicavel pela *preguicite* chronica dos carteiros ou por desleixo da Repartição, traz-nos grandes prejuizos, dando á *Semana* a triste fama do periquito daquelle proloquio popular, em que o papagaio come o milho.

Porque não ha de *A Semana* ser entregue aqui, nos sabbados, se ella vae tão a tempo para a caixa? Creia S. Ex., se nos conseguir este milagre, os nossos assignantes cobril-o-ão de benções, e nós... de flores.

Conselho de um jornalista a um em-
prezario:

Represente peças em verso, visto que é preciso, porém o menos possivel:—
podia se chegar a saber.

ALFARRABIOS

UM POEMA ESQUECIDO

Quem hoje fala de Alvaro Teixeira de Macedo? Quem conhece o poema intitulado *A Festa do Baldo*?

Provavelmente algum bibliophilo, mas muito poucos dos modernos cultores da poesia.

Entretanto quando, em 1850, F. A. Varnhagen publicava o seu *Florilegio*, elle dizia, referindo-se ao poeta fluminense:

«A obra de Macedo ganhará de dia a dia maior fama e popularidade; e d'aqui a menos de um seculo figurará na nossa litteratura mais do que hoje.»

Ruim propheta foi o autor da *Historia Geral*; depois do seu vaticinio passou quasi meio seculo, e, com clamorosa injustiça, o nome de Macedo e mais a *Festa do Baldo* são menos citados do que ha 35 annos!

Porque? Acaso somos tão ricos de poetas satyricos, algum houve entre nós que escrevesse um poema-comico capaz de emparelhar com o *Hyssope*?

Existem hoje boas edições das obras de Gonzaga, de Claudio Manoel, de Alvarenga Peixoto, de Gregorio de Mattos, Caldas e de outros, ninguem entretanto lembrou-se ainda de reimprimir o poema de Alvaro de Macedo, obra rarissima com cuja vulgarisação muito ganhamos.

Não é um trabalho perfeito, ha na *Festa do Baldo* paginas de mediocre valor, mas em muitas outras o autor resgata todos os defeitos, e impõe-se a uma justa admiração.

Se no lavor artistico ha senões muito graves, se o verso ás vezes resvala pelo prosaismo, é inegavel a veia comica de Macedo, a sua fidelidade descriptiva, finura de observação, e cor americana muito pronunciada.

O enredo do poema é nullo: uma historia de politica da roça, cheia de burlescas peripecias e terminando por lauto banquete, interrompido a meio, por causa de novas intrigas de outra politica triumphante no arraial.

Isso, porém, dá pretexto à pintura de uns typos nossos, *d'après nature*, e quadros de costumes e do interior de uma familia roqueira.

Transcreveremos alguns trechos do poema; de preferencia aquelles que se referem ao festim, que dá o titulo à obra.

Depois de descrever a casa convertida num bosquete com os arcos de murta e ramos cheirosos de araçá do matto, a mesa do banquete é assim pintada:

« Sobre as mesas, desta arte guarnecidas,
Trascalando os efluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram
Grande copia de pratos fumegando,
Com viandas e molhos de appetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo e gorda vacca,
Varias aves e caça peregrina
Cujó sabor lhe vem da vida alpestre;
Pescado, camarões do manso rio
Em foiras feigideiras borbulhando;
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa;
E, pra timbre final do rico apresto,
Avullava o melhor dos grandes pratos:
Leitão de espeto, gloria dos banquetes! »

Ninguém dirá que a pintura não tem cor local, e que é possível confundir, por exemplo, semelhante descripção com a das gulodices em casa do Deão de Elvas, ou com algum outro trecho de Tolentino, essencialmente portuguez de Portugal.

Um pequeno quadro, em outro genero, mostrará ainda melhor a habilitade de Alvaro de Macedo, neste assumpto:

« Depois de curta pauza, tinem pratos,
Refinem garfos, facas e colheres,
Susurro de festim alto começa;
Olhos scintillam, mãos soccorrem boccas...
Mestre Berto comia e não fallava,
E Baldo, sempre alerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convívio.
Dona Clara, vestida em ricas sedas,
Sem bom gosto mostrava nos cabellos,
Enorme, coruscante e alto pente,
De artistico lavor tuita cravado
Pelas tranças luzentes de azeviche.
Conta-se que era tal o seu tamanho
Que o vigario, por vezes, qual Damocles,
Temendo que calisse, deu suspiros...
Era, porém, o andaimo bem seguro.

Por estes ligeiros fragmentos vê-se que *A Festa de Baldo*, além de ser obra unica no seu genero, entre nos recommenda-se pelo brazilerismo da inspiração, e por muitas outras qualidades de primor.

Alvaro Teixeira de Macedo morreu moço, com 42 annos de idade e longe de sua patria.

Falleceu em Bruxellas onde representava o Brazil como diplomata.

Delle diz Warnhagen, « que era um moço de saber, conhecendo a fundo a lingua e a litteratura ingleza. »

Esperanço que ainda algum distincto commentador das letras patrias, tão perseverante e illuminado como o illustre Sr. Valle Cabral restitua à publicidade o pouco conhecido poema de que fizemos tão ligeira menção e remataremos esta noticia fazendo nossa a opinião do visconde de Porto Seguro quando assevera, que o nosso primeiro poema heroe-comico é *A Festa do Baldo*.

Ignotus.

Tudo bem pesado, prefiro a tyrannia à licença; a primeira, ao menos, faz-nos aborrecer o esclavagismo, enquanto que a segunda faz-nos odiar a liberdade.

UM ESTADISTA.

BEIJOS SEM PERIGO

Por Deus! Deixe-me em paz! Tire os seus braços.

(dizia uma Naná do meu pescoço!
Você me enforca! Eu desde já declaro
que estou farta, de mais, dos seus abraços,
e dos seus beijos, moço!

(Este moço era um velho libertino,
que tinha uns collossaes oculos de aro
d'ouro, no *béc* postos a cavallo.
Uzava calças com bocas de sino;
Era um typo e chamava-se Gonçalo)

—« Não queres que te eu beije, ser divino?
Mas nos beijos que eu dou não ha peccado... »
Disse o galan, risivelmente austero.
Mas a moça lhe diz, cheia de enfado:
« Pois é por isso mesmo que eu não quero!... »

PEFF.

A conversação é a arte de falar sem
discorrer e de ouvir sem interromper.

UM HOMEM DO MUNDO.

A DUSE-CHECCHI

(POESIA RECITADA POR VALENTIM MAGALHAES NA NOITE DE 17 AO ENTREGAR-LHE O NUMERO ESPECIAL D'A SEMANA.)

« Senhora,
Permitti que aos vossos pés levemos,
Nesta noite de gloria e de vivos fulgores,
Já que as joias do Oriente ofertar nao podemos,
Um punhado de flores.

Nesta parte feliz do continente novo,
Onde o sol mais escalda e colore a payzagem,
Nao é raro sentir estremecer o povo
A'uma ardente homenagem.

A Ristori, o Salvini, o que ha de mais severo
Na grande Arte onde agora o vosso genio avança,
A Paladini, o Rossi, a Pezzana, a Tessero,
Gemma—a grande criança;

Todos que o ninho da Arte—a Italia, solta, e errantes
Aves de plumas de ouro e luz, que o immenso oceano
Cortam, têm visto aqui os estros deslumbrantes
Do applauso americano.

E' hoje o vosso dia, e consenti, senhora,
Que, no meio da gloria e dos vivos fulgores,
A SEMANA engralde a vossa fronte, e agora
Cubra o solo de flores. »

FILINTO D'ALMEIDA.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA ROSSI-DUSE-CHECCHI

A Dama das Camélias

Chegamos tarde para contar o que foi a festa da grande actriz italiana na noite de 17 do corrente, no «S. Pedro de Alcantara», com *A Dama das Camélias*.

Além disso, ella é indescrível, inenarravel!

Diremos unicamente que nunca supuzemos o publico do Rio de Janeiro, este publico geralmente tão reservado, tão frio e tão caprichoso, capaz de tão entusiastica e tão extraordinaria ovação. O theatro estava repleto, sem um logar vazio. Pois bem, todos os espectadores, todos, na platéa, nas varandas, nos camarotes, nas *torrinhas*, ergueram-se para saudar a gloriosa actriz, todos batiam as palmas, delirantemente!

Innumeraveis foram os *bouquets* lançados ao palco e offerecidos à Duse, alguns de elevado preço. As redacções do *Jornal do Commercio*, *d'O Paiz*, da *Gazeta* e do *Diario de Noticias*, offereceram-lhe ramilhetes, um loque de penna e uma estrella de flores artificiaes.

A *Semana* fez imprimir em séda creme um exemplar do seu n. 29, dedicado à grande actriz, e offereceu-lhe, encardernado em uma pasta de pellucia *bleu-foncé*, em cujo angulo inferior direito, havia uma placa de prata, em forma de leque aberto, sobre a qual fez gravar estas palavras: « *A E. Duse-Checchi—A Semana—17—7—85.* » Dentro dos bolsos da pasta iam os autographos de todos os escriptos publicados em o nosso n. 29 sobre a heroína da noite.

O nosso director fez-lhe entrega deste modesto mimo, do camarote do Conservatorio Dramatico, lendo os versos *d'envoi* escriptos sobre um cartão, que acompanhava o brinde, pelo nosso collega Filinto de Almeida. Esses versos vão publicados em outro logar desta folha.

Agradecendo, a gloriosa actriz estreitou a mão do nosso director e por tal forma se commoveu e sensibilisou pela estrondosissima ovação que n'esse momento recebia, que as lagrimas lhe saltaram dos olhos, abundantes, irreprimiveis.

Era tão viva a emoção que ella experimentava que se recebeu lhe sobreviesse algum repentino incommodo de saúde. Felizmente nenhuma nuvem de tristeza veio macular o radiosissimo céu daquella festa.

Arthur Azevedo recitou a seguinte graciosa estrophe, que improvisara em um dos intervallos, no camarim do Andó:

« Descamba aquelle astro esplendido,
Ristori, o assombro, o portento,
E surges no firmamento,
Formosa estrella de amor!
Enthusiasmada, frenetica,
Agita-se a alma do povo...
Em seu nome, ao astro novo
Venho trazer esta flor. »

De acto em acto, a surpresa, o pasmo, o assombro, o maravilhamento em que o trabalho de Duse-Checchi ia lançando o auditorio, eruptavam, em turbilhões de palmas, de flores, de gritos... de chapéus!

Para o fim, já ninguém se entendia, nem mais sabia do que estava fazendo. Um delirio! O Vasques, o Arcas, a Rose Méryss, a Luzinda, o Furtado Coelho e muitos outros artistas victoriavam doadamente a sua illustre collega.

O Vasques saltou para o palco, ajoelhou-se-lhe aos pés e beijou-lhe as mãos; como já havia feito a Ristori. Sommas, cremos que subiram a mais de trinta as chamadas à scena.

Indescrível, inenarravel; repetimol-o. Quem não foi ao S. Pedro na noite de 17 torça as orelhas de arrependido, porque não é tão cedo que pilhará festa igual—salva a da despedida da mesma Duse-Cecchi.

Não analysaremos tam pouco o trabalho artistico com que interpretou o estafado papel de Margarida Gautier.

Fora-nos preciso muito espaço e o de que dispomos é pequeno. Resumiremos quauto d'elle pudermos dizer neste adjectivo unico, mas sufficiente:—maravilhoso!

Que Margarida! meus senhores, que Margarida!

Foi tão extraordinario, tão bello, tão perfeito esse trabalho, que mais de um critico, não podendo admittir-o como resultado de estudo em uma actriz tão joven ainda, lançaram-no á conta da natureza excepcional, da prodigiosa intuição artistica de Duse.

Realmente, é assombroso o talento da Sra. Checchi; nunca se vio organização artistica tão completa, tão opulenta, tão ductil; e ninguém pode prever

o que ha de vir a ser, d'aqui a mais alguns annos, quando o seu talento immenso houver amadurecido no estudo.

Uma das provas de que é mais por intuição do que por estudo que ella consegue tantas maravilhas artisticas, está em que na *Dama das Camélias*, por exemplo, esqueceu-se inteiramente de que Margarida succumbe á tísica pulmonar e só a vimos tossir uma vez, no primeiro acto.

Por isso, com alguns annos mais de acurado estudo, repetimol-o, ninguem poderá prever o que será, o que fará Duse-Checchi.

E' bem provavel que se possa então dizer della, com inteira justiça, o que d'ella mesma escreveu Emilio Rouède nesta folha, em um rapto de enthusiasmo:

« A personificação da arte dramatica no seculo XIX. »

Não terminaremos sem algumas palavras sobre Ando. Deu-nos um Armando Duval, perfeitamente digno daquelle Margarida; como bem disse um dos nossos collegas diários. Esteve magnifico, sublime, inexcédível!

Todo o papel foi admiravelmente feito; mas especialmente a scena da carta no terceiro acto e as duas grandes scenas do quarto: — o dialogo com a ex-amante e a scena que chamaremos da *restituição* foram admiravelmente, primorosamente representadas. Bravos, Andó, bravos! Que Margarida! que Armando!...

As suas notaveis qualidades de grande actriz, reúne a Sra. Duse as de uma gentilissima senhora. Se fóra preciso provar-o, aqui teriamos uma prova nos amáveis e delicados cartões de visita que nos enviou, em agradecimento á *Semana* e, em especial, a cada um dos collaboradores da homenagem modestissima (do nosso n. 23). Em cada cartão-sinho uma phrase, uma palavra do seu punho.

Os destinatarios guardarão ciosos e satisfeitos esses preciosos documentos da gentileza e do reconhecimento da Sra. Duse, os quaes serão para elles — verdadeiras joias de inestimavel valor.

FROU-FROU

E' deliciosa esta comedia de Meilhac e Halevy. Sem grandes complicações de enredo, que são o maior defeito das de Sardou, não precisa dos detestaveis recursos das *ficelles*, e os seus cinco actos deslizam naturalmente, sem constrangimento e sem scenas forçadas. Os dois primeiros actos são francamente de comedia e servem para a demonstração do character da protagonista; no terceiro começa o drama, que se desenvolve como um resultado fatal d'aquelle character e d'aquelle temperamento a um tempo leviano e arrebatado, inconsequente e caprichoso.

O trabalho da Sra. Duse-Checchi é simplesmente admiravel! A maneira por que a personagem é conduzida a travéz das paixões que a agitam a graça e a despreocupação de Frou-Frou nos primeiros actos; o amor, o orgulho, a humilhação, o desvairamento e a morte, dos ultimos — tudo foi magistralmente desempenhado pela grande artista.

Saber morrer como Duse; tão simplesmente e tão naturalmente, sem se servir dos efeitos theatraes, deixando apenas extinguir-se a vida, deitada n'uma cama ou sentada n'uma cadeira, sem contorsões e sem quedas, empallidecendo gradualmente, perdendo os movimentos pouco a pouco, amortecendo o olhar, deixando pender a cabeça pela cessação da acção dos musculos — e causar tão profundo abalo á platêa, communicando-lhe uma tal in-

tensidade de dor, attingindo um tão elevado grão de verdade, demonstrando como o naturalismo da arte moderna pôde sem custo e sem violencia substituir o velho *lance theatral*, a antiga convenção inverosimil; — é o que não foi dado até agora a nenhuma outra artista, das de mais merecimento e maior intelligencia que temos visto.

O desempenho de *Frou-Frou* subio ao mesmo elevado plano dos de Clotilde e Margarita Gautier.

Um artista a quem ainda se não fez inteira justiça, apesar de ter sido muito elogiado e louvado, é o Sr. Andó. O desempenho de Armando Duval e agora o de Sartory na *Frou-Frou*, dão-lhe francamente foros de grande artista. Andó é um actor excepcional. Não falando de Rossi e de Salvini, cujos grandes papeis se prestam muito mais aos efeitos e dão ao artista muito mais campo para mostrarem as suas aptidões, não conhecemos actor que tenha subido tão alto como Andó! E' o primeiro galan dramatico que a nossa platêa tem admirado.

O papel de Sartory foi feito assombrosamente. Sentimos que o espaço d'*A Semana* não possa comportar um estudo deplorado como merecia o enorme trabalho do grande artista. Não era bastante uma pagina para descrever por meio da palavra pallida toda a verdade e toda naturalidade d'aquelle excepcional soffrimento do marido abandonado pela mulher que adora. Ainda não tínhamos visto no theatro scenas como as que fez Andó no quarto acto de *Frou-Frou* é muito difficil acreditarmos que as tornaremos a ver por outro actor.

A Sra. Zangheri e o Sr. Masi secundaram optimamente os seus dois grandes collegas e isto importa um elogio de primeira ordem.

Parece-nos justo que o Sr. Giacchi nos dê mais algumas vezes esta esplendida comedia, sem duvida uma das melhores do rico repertorio da companhia.

Hoje repete-se, a pedido geral, a *Dama das Camélias*. Quem não foi á primeira representação lá irá hoje com certeza. Mas, como quem assistio á primeira não querera deixar de assistir á segunda, o theatro vae ser pequeno e muitos ficarão logrados.

Terça-feira — *première* de *Theodora*, o grande e apparatuso drama de Sardou, com todos os *ff e rr* da *mise en scène* pariziense.

Quinta-feira, 30, beneficio do distinctissimo artista Flavio Andó, o mais notavel galan dramatico que tem vindo ao Brazil.

O *Maître de forges* foi a peça escolhida; e a nosso ver mal escolhida, não porque Andó não desempenhe perfeitamente o papel de Philippe Derblay, mas porque um artista da sua ordem deveria representar no dia da sua festa uma peça nova; ou então, porque não seria *Frou-Frou* a escolhida. *Frou-Frou*, em que Andó é extraordinario, inegalavel?

Acreditamos que o publico fluminense lhe provará na noite de sua festa que reconhece o seu merecimento artistico.

NO SEIO DA MORTE

Continúa a agradar extraordinariamente esta formosa lenda tragica de Echegaray, excellentemente montada e desempenhada no Recreio Dramatico. Cada vez que se representa rende uma encheute ao Dias Braga.

Infelizmente uma enfermidade de olhos de que tem ultimamente soffrido

a actriz Leolinda, tem interrompido a brilhante carreira d'esta peça.

Repete-se amanhã pela sexta vez.

A proposito: — o Pimenta, do *Microcosmo*, no de domingo ultimo, metteu o sabio dente da sua critica na traducção d'esta peça, accusando os seus auctores de varios horribéis peccados; entre os quaes: haverem traduzido a palavra hespanhola *panteon* por *pantheon*, terem perpetrado este hediondo cacophonon: *má raça*, haverem empregado por vezes phrases nimiamente grosseiras e prosaicas, como *Um máu raio te parta*, etc.

Respondem os traductores:

I. « *Panteon* (Dicc. Hesp. Franc. de Josep da Fonseca) *Pantheon*. »

Pantheon. — (Dicc. Franc. Port. de Constancio. — *Pantheon*.)

Pantheon. — (Dicc. portuguez de Caldas Aulete.) Local ou edificio em que se depositam os restos mortaes dos homens illustres, etc.

E agora, Pimentinha, ainda sustentas que não deviamos ter traduzido *Panteon* por *Pantheon*?

Preferira talvez, que a traduzissemos por *cemiterio*...

II. — *Má raça* é expressão tão cacophonica como seria *raça má* (*camá*) ou *ruim raça* (*ruimrá*) ou *raça vil* (*çavil*) ou *vil raça* (*vilrá*) ou qualquer outra por que a substituissem os traductores. Com semelhante *escrupulismo* de lingoagem seria impossivel escrever. Melindroso Pimenta!

III. — Echegaray escreveu: « *Má raio que te parta*. »

A traducção unica d'este verso é esta: « *Que um máu raio te parta!* »

Que culpa têm os traductores daquillo que o traduzido escreveu? O seu dever era transplantar para o vernaculo o mais fielmente possivel, o que elle disse no hespanhol.

Foi o que fizeram. Naturalmente por que não previam a critica do Pimentinha; pois que se a previssem, par desarmal-a, teriam traduzido o mala creado verso hespanhol d'esta maneira:

« *Que um serafim te oscule* » ou
« *Que te perfume um cravo* » ou ainda:
« *Mande-te o céu cocadas!* »

Basta. Não val a pena gastar papel e tinta com tão réles defuncto:
« *A fava, amigo, á fava e breve.* »

E se encontrar por lá o *Quidam*, dê-lhe lembranças.

O SALVINI... DOS BICHOS

Têm agradado enormemente os bichos do Salvini. Todas as noites enche-se o « *Principe Imperial* » de crianças, barbadas e imberbes; e os macacos, os cães, os *poneys* e os cabritos do grande *Champion Manipulator* (que bicho é este?) são freneticamente applaudidos. Realmente nunca se viu quadrupedes tão... bipedes; o contrario é que se tem visto de sobra. Homens e mulheres, a pretexto de levarem os filhos a ver os bichos lá vão todas as noites regular-se com as habilidades d'elles. Quem não tem criança em casa pede uma emprestada ao visinho e *zás*: *champion me fécit!*

Prodigioso Salvini! A apostar em como seria capaz de domesticar o proprio — homem!...

A Sra. Fanny desligou-se da companhia do Polytheama, que continúa a representar *Ogenio do fogo*.

Recebemos os cartões de visita das Sras. Adda Adini e Erminia Borghi Mamò, gentileza que agradecemos, peñhorados.

O que não recebemos, porem, foi car-

ção de assistência ás representações do Pedro II.

O Sr. Ferrari fez-se de esquecido. Ora, uma folha *semanal*...

Que lhe preste a avareza.

Quanto a nós, não poderemos informar os nossos leitores do que se passar naquella theatro porque *A Semana* não está ainda em condições de tomar uma assignatura para o Lyrico.

E como não está disposta a levar a sua typographia ao *prégo*...

A companhia do «Sant'Anna» dá os seus ultimos espectaculos, de malas promptas. Partirá para S. Paulo no fim d'este mez.

O celeberrimo capitão Voyer foi na Paulicéa ainda menos feliz do que aqui. Não conseguiu realizar o seu anunciado concerto, á falta de ouvintes.

Pois se um chronista da corte para o *Diario Mercantil* havia prevenido em tempo a incauta S. Paulo dos triumphos obtidos aqui pelo capitão!... Poderá!...

«O' n'insultez jamais un *celèbre* qui-tombe!»

A distincta e conhecida compositora D. Francisca Gonzaga veio pessoalmente dizer-nos que no dia 29 do corrente terá logar no theatro Recreio Dramatico o seu beneficio.

Subirá á scena a *Filha do Guedes* e diversos actores e actrizes, em homenagem á applaudida compositora, irão abrihantar a sua festa.

O publico, que se tem deliciado com a *Atrahente*, a *Sultana* e outras composições de Francisca Gonzaga, não deixará de ir ao Recreio nessa noite.

E' o que francamente desejamos e a beneficiada tambem.

Uma bella mulher não engana o seu marido, senão... não o enganando.

SAINT-ALPHONSE,

O COFRE DAS GRAÇAS

O Ney conversava com um amigo áccra de uma empreza jornalística em que dezejava entrar.

— Estás servido, mas é preciso esperar uma vaga; dizia-lhe o amigo.

— Protesto! exclamou o Ney, indignado:—Eu não sou *tintureira*, que espera vaga para entrar!

A proposito da nomeação do auctor do *Regio Saltimbanco* para o consulado de Baltimore, dizia um dia d'estes *Eloy*, o *heróe*:

— Agora, quando a gente quizer mais poesia republicana é so escrever, pedindo-a, para o *consolado* de Baltimore.

BIBIANO

O SR. VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

A principio, quando li a noticia de que o grande Camillo se havia deixado *viscondisar*, não acreditei.

Isso é *blague*—pensei. Visconde—elle, o Camillo Castello Branco, o implacavel mofador da fidalguia portugueza, feita do pé p'ra mão, elle, que na *Corja* e no *Vinho do Porto* e em outros muitos livros anteriores trouxe os viscondes de canto chorado—visconde, elle?!... Não creio: não é possível.

Pois, senhores, era a pura verdade.

O Camillo está visconde.

Mas visconde de que?

De Castello Branco?

Do Vinho do Porto, da Corja? ou do Euzebio Macario?

Nada, nada. Visconde de Correia Botelho. Tal qual um bacalhoeiro.

Correia Botelho é nome que pertence a uma importante familia, de que elle descende—por bastardia, consta. Pois foi justamente esse nome que o grande romancista elegeu para pendurar á corôa visconlal. Bonito!

E' verdade que o Castilho foi visconde! mas—de *Castilho*; e tambem o Garret, mas egualmente visconde do seu proprio nome.

O Ricardo Guimarães é Visconde de Benalcáfor, mas o Ricardo como escriptor não vale sequer uma perna do Camillo. O Papança é tambem visconde: visconde de Monsaraz; mas que diabo havia de fazer um poeta mais rico de vil metal do que de inspiração e que não havia podido fazer-se deputado, *para apparecer*, e que se chama *Papança*, senão virar visconde de Monsaraz? Ao menos este nome não lembra—*Mamata*.

Outros escriptores—mas que, todos de pé, não ultrapassam os joelhos do Camillo—são viscondes, mas desde o principio, ha muito tempo, e nada perderam com o viscondado.

Em Portugal e por Portugal só não é visconde quem não quer.

Para que diabo poderia precisar de semelhante berloque de fidalguia falsa quem é conhecido em dois paizes por este singelo nome, glorioso e temido—Camillo?

Pois precisava de ser Visconde de Correia Botelho quem já teve bexigas, é feio, é velho e tem a tenia?

Ah! se é para fazer collecção de calamidades...

Sr. Visconde de Correia Botelho, transmitta os meus pezames ao Camillo

MARCOS VALENTE.

QUESTÃO INTERESSANTE

«Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?»

«Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido?»

Entre outras recebemos as seguintes respostas:

«Um marido não deve ter segredos para com sua mulher, assim como esta para com aquelle.

Por esta razão, digo que tanto direito tem o marido de abrir as cartas dirigidas á mulher, como esta as dirigidas áquelle.

Côrte, 16 de Julho de 1885.

MANOEL F. CORREIA.

«Digo que, mesmo que fosse estabelecido como preceito nem um nem outro abrir as cartas, devem ambos ter o livre arbitrio de as abrir, quando assim o entenderem; porque na vida conjugal não deve haver mysterios nem segredos; o contrario daria occasião a suspeitas, que são sempre filhas da má fé, e onde tudo é mutuo tambem o deve ser a franqueza.

Ora se...

Seu Cro. e feliz
VIUVO.»

BELLAS ARTES

CASTAGNETTO.—Eis um verdadeiro artista, um pintor modesto e convicto, exquisito e laborioso.

Ha na sua maneira de traçar a nota crescente de uma grande individualidade. essa particularidade que caracteriza os talentos, que os impõe á nossa admiração, que os arranca da obscuridade—As *trez marinhas*, ultimamente expostas na casa *VIETAS*, vêm confir-

mar, mais uma vez, os creditos de que o artista goza. Uma d'ellas, a menor, é um pequeno trabalho, vigorosamente feito, e no qual está accentuado o temperamento independente do artista. O assumpto foi tomado ao cahir da tarde. O sol desaparece, lentamente, do céu; nuvens escuras, formadas em massas largas e caprichosas vagueiam pelo ar; o horizonte tingem-se de uma cor alaranjada, intensa, viva; ao longe montes azulados, perdidos no silencio do espaço, como muralhas enormes de uma cidadella invencivel. No mar, ao quente reflexo dos ultimos raios do sol, de velas abertas ao sopro das vi-rações da tarde, correm saluas bojadas.

Esse pequeno trabalho, de uma franqueza immensamente sympathica, acorda em o nosso coração o sentimento poetico da existencia dos marinheiros, d'esses miseros tripolantes de pequenos navios, que uma rajada tempestuosa pôde fragmentar como se fossem paredes carcomidas, arruinadas, de velha casa em abandono. Castagnetto possui uma recommendavel qualidade, como artista: sente o assumpto, é pessoal na pintura.

Se Castagnetto fosse á Europa estudar a sua especialidade, nós lhe recomendaríamos o nome de Vernier, um dos melhores pintores de marinhas, nos tempos actuaes. Com elle teria muito que aproveitar. e, talvez, viesse a produzir obra que valesse tanto quanto vale o *Grande mar de Outubro em Cornwall*.

OSCAR PEREIRA DA SILVA.—E' ainda alumno da Academia das Bellas Artes, porém vale muito mais do que alguns artistas que por ahi andam bafando conhecimentos estheticos e enfatuados de glorias arranjadas pela bondade de amigos fanaticos.

Sabemos que o *Retrato de Beethoven* não é uma composição de mestre; tem graves defeitos, demonstra, ainda, timidez, falta de convicção na maneira de pintar; em compensação, é um trabalho que revela talento e talento não vulgar.

Não podemos fazer a critica d'esta obra.

Pereira da Silva começa agora a dar os primeiros passos no vastissimo templo da arte; é bisonho adepto d'essa sublime religião do bello professada por Pedro Americo, Aurelio de Figueiredo, Decio, Belmiro e Victor Meirelles. Aos que começam com talento e vontade não se deve descoroçar.

Continue o joven artista a trabalhar resolutamente, a pintar, guiado por sua inspiração, por seu sentimento artistico, que terá a recompensa d'esses esforços, a paga d'esse talento aproveitado.

Por enquanto damos-lhe—parabens; que são sinceros e verdadeiros. Não vêm acompanhados qualificativos pomposos, *florituras* coloridas, nem arabescos d'ouro fino, porque mais tarde veremos falar com franqueza, com justiça, e não lançar em seu espirito ainda inexperiente esse enorme, pesado e máo sentimento, que desperta o elogio prematuro. Nós não fazemos de um simples e intelligente principiante um poderoso semi-deus como já aconteceu com um pobre moço que teve a fraqueza de fazer versos e que em um dia, sem que soubesse como, viu-se grimpado ás nuvens, mercê de azas icarias, emprestadas por um conhecido escriptor publico do nosso paiz.

Assim pois, dizemos-lhe: a sua obra, para um principiante, é muito boa, é um esplendida prova de talento que vae evoluindo, e por esse motivo merece as nossas palmas. Mas continue a estudar, a estudar muito, para não

desmentir a esperança que esta obra lançou em nosso espirito, e para vencer a grande distancia que lhe falta para ser um verdadeiro artista.

PEDRO PINTO PERES. (*Dois retratos expostos na Glace Elegante*). Bons, positivamente bons estes dois trabalhos.

Falamos sob o ponto de vista de obra d'arte, porque, isto de retratos—dizia M. de Seignur—é preciso arte e natureza, copia e original para julgar-o.

VICTOR MEIRELLES.—Retrato do *repentista bahiano* Muniz Barreto—(*Galeria Moncada*). No desenho, no colorido Victor Meirelles é o que se pôde chamar, com justiça, um *mestre*. Este retrato deixa logo á primeira vista, ver o traço firme de pinccis manejados por mão que sabe guiar. Magistral!

... **MUNIZ.**—(*Retratos a crayon, Galeria Moncada*) Podem não ser pessimos, porém bons... Guizot escreveu, a respeito de um *Salon*: *A Thèbes, une loi condamnait a une amende tout artiste (*) qui avait fait un mauvais portrait. Que de gens seraient intéressés á s'opposer au retour de cette loi rigoureuse!*

ALFREDO PALHETA.

(*) Mudamos a palavra *peintre* para esta.

TRILOGIA DA VIDA

*Qual murmura cascata que espumante
De rocha em rocha salta espadanando,
E trepida a correr vai-se alargando
Mais e mais na planície verdejante,*

*Levando em suas aguas triumphante
Tudo o que encontra, tudo; —assim é quando
Rebenta em nós o amor, ao meigo e brando
Rir de uns olhos em célico semblante,*

*Ama! que a natureza assim ordena
Ao cedro altivo, á tímida açucena,
A tudo o que na vida vivo fór;*

*E' lei; se lei não fóra, a Providencia
Não compensára as dôres da existencia,
Que para taes tormentos fez-se o amor.*

*Soffre! tambem é lei. Nasce a criança
E o seu grito primeiro a dôr exprime;
Entra assim pela vida e não descansa*

*Essa eterna dôr que o fere, opprime,
Com rijo golpear d'aguda lança
Que a pouco e pouco os annos seus derime,*

*De lagrimas, cadeia a tantos seres,
Que a mãe ao filho prende e o filho á terra,
Cumpre a sua missão, o amor enterra,
A gloria, a aspiração; não tem lazeres;*

*Na gehenna do martyrio os seus deveres
São escriptos com sangue, e nesta guerra
Da vida agoniada ella desterra
Em pranto amargo ephemeros prazeres.*

*Amaste? e amaste muito? foi destino.
Soffreste atraz angustias d'esta vida?
A magua lancinante e dolorida
No peito o travo poz-te viperino?*

*Jámais um goso veio pequenino,
Que logo n'alma tua evaporida
Não tombasse uma lagrima sentida,
Pranto de muita dôr? pois é destino!*

*Só vive em santa paz o que não vive,
Quem já transpôs o rapido declive
Onde dorme quem nunca mais é visto,*

*Vás um tumulto? escreve sobre a lousa:
— Um Martyr da Existencia aqui repousa;
Amou, soffreu, morreu... a vida é isto,*

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

FACTOS E NOTICIAS

A Confederação Abolicionista realizou, domingo passado, no Poytheama uma excellente *matinée* rethorico-dramatica-musical, que esteve concorridissima, rendendo a salva da porta quantia superior a um conto; o que, sendo 1\$000 o preço da entrada, significa que mais de mil pessoas lá estiveram. A *great attraction* era o discurso do Conselheiro Ruy Barbosa. Infelizmente uma laryngite, verdadeira desmancha-prazeres—fez com que o illustre orador não pudesse comparecer, proporcionalmente ao auditorio, em vez delle o Dr. José Agostinho dos Reis.

Ao improvisado discurso deste orador seguio-se a excellente parte artistica da festa, cujas honras couberam á Estudiantina hespanhola.

Triplíce anniversario se commemorou com aquella festa: —o da libertação do Amazonas, o do projecto Dantas (15 de Julho) e o da fundação da *Gazeta da Tarde*. (6º anno).

Aos heroes desses dia felicitações d'A *Semana*; tarde embora, mas sinceras.

O *Programma-Avisador*, jornal que se publica diaria e gratuitamente, o que já é uma vantagem, augmentou o seu formato, o que é outra vantagem.

Alguns momentos mais de boa e util distracção durante os intervallos dos espectaculos terão os leitores do *Programma-Avisador*.

Parabens, pois.

Deve realizar-se em Magé, no dia 23 de Agosto, com grande pompa, uma festa em honra ao Senhor Jesus do Bomfim.

Para isso está em grandes preparativos aquella cidade e nomeou-se uma comissão encarregada dos festejos, em que figuram o Sr. João Luiz de Paula Azevedo e outros distinctos cidadãos.

Garantem que será uma festa digna de todos os elogios.

A convite do Sr. Angelo Fiorita, consignatario dos vapores da sociedade italiana de R. Piagio & F. fomos no domingo ultimo visitar o paquete *Regina Margherita*.

Não vimos ainda paquete algum em melhores condições do que este. Em todo o seu interior nota-se um gosto extraordinario, havendo por isso verdadeira satisfação em percorrer-se as luxiosas e confortaveis accommodações d'esse vapor.

Durante seguramente duas horas nos demorámos a visital-o e confessamos que nas mais pequeninas cousas vimos o quanto é caprichoso o multo digno commandante do *Regina Margherita*, Sr. Francesco Merlani.

Que excellente camara tivemos occasião de admirar, onde, como nas outras, o forro é todo de finissimo erable incrustado de madeira escura.

Os camarotes de 1ª classe são todos bem preparados, vastos, ventilados e claros e os do 2ª, que pouca differença fazem talvez dos de 1ª de outros vapores, nada deixarão a desejar a quem tiver a fortuna de occupal-os.

Ha muitas outras agradaveis commodidades ainda e entre ellas um magnifico salão para barbear e cortar a gabella.

Todo o vapor é illuminado a luz electrica e os compartimentos, na sua totalidade, contêm campainhas electricas e agoa encanada.

Visitaram o *Regina Margherita* muitas familias distinctas, representantes da imprensa, a quem o Sr. Fiorita offereceu

um esplendido lunch ás 2 horas da tarde, em que muitos brindes se trocaram.

O *Regina Ragherita*, que partio ás 11 horas da noite de 19 do corrente, devo estar bem longe a esta hora, attendendo á velocidade com que fez a viagem de Genova a esta corte, pois apenas gastou 15 1/2 dias.

Um excellente navio o *Regina Margherita*.

Parabens á sociedade R. Piagio & F.

Acha-se sériamente enfermo ha alguns dias o Sr. Fontoura Xavier, o conhecido auctor do *Régio Saltimbanco* e das *Opalas* e novo consul brasileiro em Baltimore.

Falleceram:

Em Portugal: — José Domingues da Costa, negociante abastado d'esta praça; em Minas-Geraes: — o Dr. José Rufino Soares de Almeida e o barão de Cabo Verde, maior de 80 annos; em Campos, o Dr. Euzebio de Queiroz Mattoso Ribeiro, filho do saudoso senador Euzebio; em Vassouras, José Maria Velho de Avelar, 5º annista da nossa escola de Medicina; a bordo do paquete *Advance*, em viagem para Pernambuco, o Dr. Henrique do Rego Barros, sub-director das rendas publicas do The souro; em Angra dos Reis, o lavrador Antonio J. da Silva Vargas; nesta Corte, Francisco Xavier Martins, chefe de secção da Camara Municipal, irmão do barão de S. Felix; o 2º tenente honorario da armada, Luiz José de Campos, maior de 90 annos; no Amazonas, Gustavo Antonio de S. Lisboa, professor do nosso Lyceu de Artes e Officios.

Partio hoje para S. Paulo, onde se demorará alguns dias, o nosso companheiro de redacção, Luiz Murat.

Boa viagem e breve regresso.

Ao Club Beethoven agradecemos os deliciosos momentos que nos proporcionou o seu excellente concerto de quinta-feira.

Eximio pianista o Sr. Alphonse Thibaud, cuja estrêa nesta Corte realisonou-se nesse dia.

Ouvimol-o com satisfação e felicitamos o Club Beethoven pela boa aquisição que fez.

Todas as demais pessoas que, além do Sr. Thibaud, tomaram parte no referido concerto, houveram-se brilhantemente.

Foi um concerto realmente bom.

O Sr. Dr. Ferracira Vianna realisa hoje, no Club Beethoven, a sua septima conferencia sobre *Esthetica*.

O Dr. K. von den Steinen, o celebre explorador, do Xingú passará brevemente por nosso paiz em uma nova viagem que vae emprehender á roda do mundo.

Chegou ha dias de S. Paulo a Exm. Sra. D. Maria Eufrosina da Cruz Almada, distincta pianista, que já tem publicado varias composições applaudidas.

Realisa-se hoje mais um dos magnificos saraus-concertos do Club do Engenho Velho.

O Dr. 3º delegado acaba de descobrir as joias do infeliz Julio Candido da Silva, que tinham desaparecido. Alberico, o assassino, havia-as entregado a um amigo, que as vendeu. Hon-

tem foram ambos interrogados na 3ª delegacia. Parece que agora se conseguirá provar que foi o roubo o movel d'aquelle crime.

Uma nova arbitrariedade policial, tão bella como as outras, a que já estamos infelizmente acostumados.

Hontem de madrugada, na occasião em que se dirigiam para a estação da estrada de ferro D. Pedro II, os Srs. Dr. Carlos Comenale, padre Bartolomeu Comenale e Henrico Borgoncino, cidadãos italianos, residentes em Juiz de Fora, Santa Cruz do Rio Pardo e Barra do Pirahy, foram detidos por trez policiaes secretos e conduzidos á policia, onde tiveram a de esperar pelo Dr. 3º delegado.

Chegado este, reclamando os detentos contra aquelle acto, que lhes parecia proveniente de um equívoco, souberam que desde a vespera eram espiados, e que não foram levados á policia por equívoco.

Em seguida, foram minuciosamente revistados e egualmente esquadrinhadas as suas bagagens.

Finda essa inexplicavel busca, tiveram os detentos licença para seguirem o seu destino. Mas, perguntando elles qual o motivo d'aquella violencia, que os fez perder a sua viagem, causando-lhes transtorno e prejuizos, não obtiveram como resposta senão o silencio da auctoridade. Esta não pode revelar a causa occulta daquella detenção e daquella busca vexatorias e prejudiciaes. De forma que a policia levanta sobre trez homens laboriosos e reputados honestos uma suspeita gravissima e negalhes qualquer explicação!

Estaremos nós em S. Petersburgo? Será a nossa policia despotica, involavel, sagrada e omnipotente?

Menos arbitrio senhores, menos arbitrio...

RECEBEMOS

— O *Seculo XX*.—N. 1. Orgão scientifico e litterario. Desejamos ao novo collega vida rica e prolongada.

— *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 23.

— *Cartas ao Imperador*. Editorias da «Provincia do Espirito Santo».

— O *Caucioneiro Musical*, fasciculos 16 e 17. Do jovem e talentoso pianista Henrique Rody Corrêa um exemplar da sua polka—*Travessa*, *Revista Illustrada* n. 414. Bons desenhos. Na pagina—*Croquis theatraes* deu-nos o Angelo umas bellas caricaturas de Lucinda e Furdado Coelho. Quanto ao texto, como sempre, bem felto.

— Dos Srs. Virgilio Varzea e Cruz e Souza um livrinho intitulado — *Tropos e phantasias*, impresso em Santa Catharina.

— Do illustrado Sr. Dr. Ladislau Netto, dois folhetos. Um contendo a conferencia feita pelo mesmo Dr. no Museu Nacional, em presença de Ss. MM. Imperiaes. Esta conferencia versou sobre archeologia brazileira.

Outro—uma carta dirigida ao sabio francez Ernesto Renan, a proposito da inscripção phenicia apocrypha submettida em 1872 ao Instituto Historico do Brazil; n'este folheto encontram-se o fac-simile da inscripção e a versão em hebraico do mesmo Sr. Dr. Ladislau Netto.

— Do Club de Engenharia, um folheto contendo apontamentos sobre o cadastro e imposto territorial do Brazil.

— O *Terremoto*, scena dramatica original de S. Junior.

CORREIO

Sr. Roberto Villeron. — Os seus tercetos, dedicados a Gaspar da Silva, ficam na sala de espera.

Sr. Carlos Severo. — Pela sua poesia não podemos avallar os sonetos que o Sr. promette mandar-nos, sobre Victor Hugo. Mandem os seus sonetos, embora para isso (lá vai verso seu.)

«Seja preciso rasgar d'um Impeto o céu!»

Sr. Ven-Tsi. — O seu soneto *Scepticismo* não

é bom e para mal de seus peccados começa com este verso, que pôde ser muito bom na China, Sr. Von-Tsi:

«Sonhos que tanto amei! Idéaes de ventura»

Sr. Alcantara. — A sua quadrinha não é má. Ahí vai ella:

«O Barão de Paraná
Piacaba acaba ou não
Com as fabulas de La
Fontaine? Que Amolação!»

TRATOS Á BOLA

O Sr. J. da C. e S., Ruy Barbo, Ambrosina e Lima Penha quasi que decifram os *tratos*. Não havendo pois decifrações exactas, continuam as mesmas *tratices* ultimas e os mesmos premios á vontade dos *barras*.

Agucem a ponta da perspicacia meus amiguinhos!

D. PASTEL.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec., Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1\$000

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispõe de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA
DE
DANTI ALEGGHIERI

TRADUÇÃO DE
JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada canto com eruditissimas notas explicativas. Precede a traducção um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 1º e 2º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 300 rs. por cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:
Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e Redacção d'A SEMANA, Travessa do Ouvidor, 36; e na AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA

AU PETIT JOURNAL
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNALS
Especialidade em artigos proprios para presentes
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOU & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira

"LA SAISON" de Paris

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste servico.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO